

Entre a Cruz e a Viola

Ênio José da Costa Brito*

Recebido: 09/09/20

Aprovado: 10/10/20

Resumo:

A tese *Entre a cruz e a viola: uma etnografia de práticas devocionais nas Festas de Santa Cruz dos Valos e São Gonçalo*, de Alexandre da Silva Chaves. Seu autor utiliza técnicas da etnografia, história de vida, temática e revisão de fontes, para apreender um conjunto de práticas e narrativas relacionadas à invenção de uma tradição religiosa invocada popularmente como centenária e analisar suas estratégias de transmissão desta tradição. A nota revisita os capítulos da tese, discutindo e pontuando tópicos dos mesmos e finalizando com um breve comentário geral.

Palavras-chave: Religião, Tradição, Liminalidade, Memória, Cidade

Abstract:

The thesis: *Between the cross and the viola: an ethnography of devotional practices at the Festivals of Santa Cruz dos Valos and São Gonçalo*, by Alexandre da Silva Chaves. Its author uses techniques of ethnography, life history, thematic and review of sources, to apprehend a set of practices and narratives related to the invention of a religious tradition popularly invoked as a centenary and to analyze its transmission strategies of this tradition. The note revisits the thesis chapters, discussing and punctuating their topics and ending with a brief general comment.

Keyword: Religion, Tradition, Liminality, Memory, City

Comentários Iniciais

Em 2019 tive a oportunidade de participar da arguição da tese de doutorado de Alexandre da Silva Chaves, intitulada *Entre a cruz e a viola: uma etnografia de práticas devocionais nas Festas de Santa Cruz dos Valos e São Gonçalo*¹.

Nesta *Nota Bibliográfica* partilho apontamentos realizados por ocasião de

* Ênio José da Costa Brito é professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP e Orientador Didático no Instituto Teológico São Paulo (ITESP) Coordenador do Grupo de Pesquisa “Imagário Religioso Brasileiro (Veredas)” e Vice Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUC). Editor responsável da Revista Último Andar. <https://orcid.org/0000-0002-7730-0760>.

¹Tese defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP em 14 de março de 2019. Disponível na Biblioteca da PUC. CHAVES, Alexandre da Silva. *Entre a cruz e a viola: uma etnografia de práticas devocionais nas Festas de Santa Cruz dos Valos e São Gonçalo*, 2019.

arguição da tese, com a intenção de despertar nos futuros leitores o desejo de entrar em contato com o texto original, enquanto esperamos pela sua publicação. Para realizar esta proposta revisitarei a estrutura da tese, explicitando minha recepção do texto, tecendo comentários e apontando alguns tópicos que considero significativos.

Temos em mãos uma tese sobre o *Universo Devocional* da população de Mato Dentro, a partir da configuração da Festa da Santa Cruz dos Valos e das práticas devocionais a São Gonçalo.

Para o autor, não importa apenas constatar a sua existência, elaborar um arcabouço teórico e enquadrá-lo de forma que a teoria possa ter razões inquestionáveis. A cultura religiosa tecida nas tramas do cotidiano da configuração da Festa e das práticas devocionais a São Gonçalo, como fenômeno religioso no contexto rural franco-rochense – contexto de transição – continua viva, tem uma influência em um grupo considerável de pessoas no Município e na Cidade, opera com perspectivas de continuidade.

Esta continuidade não é desvinculada das tradições que originaram a festa e as práticas devocionais, nas suas raízes encontramos a capacidade de dialogar com elementos culturais, sociais e religiosos diversos.

Antes de iniciar a análise, passamos a palavra ao autor:

esta tese tem como objetivo apresentar, por meio de análise qualitativa, a realização de uma festa conhecida popularmente como Festa da Santa Cruz dos Valos, na cidade de Franco da Rocha, aclamada pelos devotos como centenária, bem como os desdobramentos de suas práticas devocionais nos Festejos realizados a São Gonçalo (CHAVES, 2019, p. X)².

Introdução da tese

Ela prepara bem o leitor para receber a tese, pois, deixa claro a perspectiva de análise, as preocupações antropológicas e a metodologia de trabalho. Quero relembrar alguns desafios que o autor assume na *Introdução*: mostrar que é por meio da Festa de

² Chaves relembra que: foram realizadas cerca de 10 entrevistas, o formato da coleta de informações se deram de modos diferentes, sendo que, com alguns eu marquei entrevistas em momentos fora do festejo, e com outros o único modo de assegurar a entrevista foi realizá-la no momento da Festa de Santa Cruz dos Valos, durante a Romaria ou após o término das Rezas, a depender da função e grau de envolvimento de cada devoto (Nota 8, p. 21).

Santa Cruz dos Valos que: memórias, afetos, crenças e opiniões tomam determinadas formas sociais; e que é por meio dessas formas sociais que a comunidade imprime suas ideias e valores, buscando seu prevailecimento dentro do contexto da comunidade (CHAVES, 2019 p. 33)³. Mostrar que nos festejos de São Gonçalo temos uma continuidade da experiência da Festa, enquanto tradição revisitada (p. 29); mostrar que a memória atua como resistência a certas tentativas de colonização por parte da cultura urbana sobre o contexto rural (p. 25). E ainda, compreender que o funcionamento do fato da Festa e da extensão de suas práticas devocionais individuais estão conectadas com o todo da comunidade, da vida comunitária. Mostrar a festa como um acontecimento fundamental para compreensão das formas culturais desenvolvidas naquele contexto rural.

Diz o autor:

Vale notar que durante o fazer etnográfico aquilo que foi analisado, traduzido, a partir de minha relação com os meus interlocutores, contribuiu para reorientar as preocupações ou problemas levantados na Festa de Santa Cruz dos Valos como um acontecimento fundamental para a compreensão das formas culturais desenvolvidas naquele *contexto rural* (p. 21).

Por fim aponto um desafio importante: considerar legítima e não ingênua a perspectiva dos seus interlocutores (p. 33).

Importante na apresentação da *memória coletiva*, ter ressaltado o vínculo da memória individual às múltiplas memórias coletivas (p. 29).

Muito pertinente a *nota 30* na qual afirma: *é por meio das festas religiosas que melhor compreendemos as práticas populares como fenômeno da antropologia* (p. 30), pode ser mais aproveitada, abrindo uma reflexão/ discussão da mesma

As considerações críticas de Ricoeur a Maurice Halbwachs apresentadas no Rodapé na nota 16, pode muito bem ser incorporada no texto (2007).

Dos capítulos

Paisagens, atores e espaços é o título do primeiro capítulo, nele Chaves se preocupa em oferecer dados para se compreender as transformações ocorridas e, que ocorrem no espaço rural do município, especialmente no Bairro Mato Dentro no município de Franco da Rocha (SP). Transformações reveladoras das

³ Nas citações da tese passaremos a indicar apenas a página.

modificações sociais em curso no campo sócio-político e religioso. Elege, como ponto de partida a Festa para introduzir seu leitor no espaço geográfico, social e religioso do Município.

Gosto muito da expressão *religiosidade de fronteira*, numa perspectiva pós-colonial poderíamos dizer *religiosidade de entre Lugares* (In between) ou então *zonas de contato*.

Muito positivo no capítulo não ter isolado o bairro de Mato dentro e sua festa do contexto urbano e ter compreendido o bairro não só como espaço de sociabilidade caipira, mas também como espaço de vida (p. 56):

Os bairros rurais não são apenas expressão da sociabilidade caipira; eles também se constituem o espaço de vida de sítiantes não camponeses (ANTUNIASSI, 1999, p. 130 s), como, no caso estudado, se misturam o caipira herdeiro da cultura campestre local e o sítiante não camponês, residente por opção nessa região rural do município de Franco da Rocha (p. 64).

A leitura do tópico sobre os *Ritos de alimentação* me trouxe três lembranças bibliográficas: o belo livro de Hilário Franco Júnior. *Cocanha: a história de um país imaginário* (1999), nele o autor discute a utopia relacionada com a alimentação; o texto de Maximiliano Salinas Campos. *Gracias a Dios que comí. El cristianismo en Iberoamérica y el Caribe. Siglos XV- XX* (2010) e o de Patrícia Rodrigues de Souza. *A religião vai à mesa. Uma degustação de religiões com suas práticas alimentares* (2015).

Dois tópicos me chamaram atenção: terminando o capítulo o autor explicita a relação da religiosidade com o passado:

por essa razão a religiosidade funciona como um catalizador que atua para preencher o desenraizamento e a ansiedade ocasionadas pelas mudanças sociais, ofertando um tempo de celebração ao passado, o qual indica que tudo já foi seguro, tranquilo e harmonioso (p. 70).

Tanto no capítulo como na tese: a relação *religiosidade e temporalidade* não está coarctada só ao passado, mas ao presente e ao futuro. O que fica claro quando mostra que a festa ultrapassa o tempo cotidiano (p. 105); ela inaugura um tempo novo (p.108), utopia sobre o futuro (p. 105). Romeiro, devoto e festeiro usa a visibilidade da festa para reivindicar uma presença maior do poder público na região (futuro).

No segundo tópico demonstra muita sensibilidade ao traçar o perfil do Romeiro,

sujeito ambíguo e atormentado (p. 45)

Campo Simbólico: modos de crer e metáforas de fé é o título do segundo capítulo. A linha que alinhava este capítulo é a da relação da religião com o contexto, onde ela se estabelece, através de suas festas, por onde circulam sua diversidade de crenças e onde ocorrem seus mais diversificados tipos de rituais (p. 108).

O capítulo tem o mérito de deixar claro que: a marca da transição rural-urbana vivida em Mato Dentro é a da pluralidade religiosa, que abre novos espaços simbólicos sociais e políticos (p. 73-81); que uma das melhores maneiras de se estudar a religiosidade popular é através do estudo de suas práticas religiosas e que as práticas religiosas populares são frutos da escolha da própria comunidade (p. 89-100). Por fim, esclarece que se faz necessário superar *teoria das oposições*, se se quer entender a relação entre catolicismo oficial e popular⁴.

Mostrou e bem que o catolicismo popular é marcado por uma forte presença devocional: o culto aos santos. Recorre a Sergio Buarque que afirma: *o espírito religioso do brasileiro tem horror a distância do sagrado* (p. 94). Pode ampliar lembrando que a imagem de Deus que os conquistadores trouxeram era de um Deus controlador, que tudo via, castigava, de um Deus que tirava a alegria de viver. Para recuperar a vida o povo volta-se para os santos: para eles/elas tem festa, dança, romaria, procissão, foguetes, cantoria etc.

Uma reflexão que marca o capítulo versa sobre a festa, nela Chaves aponta para a potencialidade da festa como mecanismo social, como representação (p. 102), como pertencimento (p. 103) que desvela a visão do mundo de um grupo social (p. 107). Para o autor:

A noção de festa como representação nos possibilita a distensão do debate teórico, permitindo observar por meio de outras análises aquilo que não consigo perceber em minha própria pesquisa. A Festa de Santa Cruz dos Valos ao representar a realidade, acaba por construir o mundo do indivíduo, permitindo que este viva um personagem que ele escolher, as vezes o personagem se transforma numa caricatura de si próprio, outras vezes em uma recriação de sua essência, no entanto, o que percebemos, é que, como afirma Junior e Gusmão *será sempre uma reflexão do seu íntimo, que lhe permitirá ou não modificar sua rotina quando cessarem os festejos* (CASTRO

⁴ Fez falta de uma nota de rodapé na qual mostrasse a origem da devoção a Santa Cruz no Cristianismo- é uma história muito rica.

JÚNIOR, 2014, p.102- 103).

Uma afirmação que pode ser explicitada é a da importância do Ritual no processo de ressignificação da comunidade, pois permite que as práticas de fé sejam percebidas como práticas performativas que representam também um pensamento de um grupo social.

O capítulo terceiro intitulado *O caminho entre a paróquia e a capela* a primeira vista se apresenta desprezioso, mas acaba por revelar-se importante, pois, visibiliza as estratégias dos devotos e devotas para preservar valores e procedimentos tradicionais e, também para propor e assimilar as transformações.

Transformações em dois níveis: o interno e o externo. Relembro que a segmentação aqui é apenas um procedimento didático, visto que a dinâmica social apresentada pelo autor, aponta para um contexto em que as transformações ocorrem de certo modo, uma em função da outra.

Uma pergunta que merece ser mais explicitada no texto, pois, o autor apenas sinaliza para ela de leve é a seguinte: quais as mediações que possibilitam a produção de sentido para as experiências do grupo? Vale lembrar, que a análise mediadora deve ter presente não só ação da cultura dominante, mas a investigação das redes de intercâmbio que constituem os elos necessários à existência do popular.

Relembro e comento brevemente dois depoimentos relevantes apresentados ao longo do capítulo: *nas romarias das irmandades, os irmãos romeiros do Divino se transformam em templo vivo do Espírito Santo* (p. 114). Temos nesta simples afirmação um forte acento teológico, revelador de uma pneumatologia popular.

Na teologia temos um axioma que afirma: *fide ex auditu*, a fé vem pelo ouvido, o romeiro nos diz: *a prática da romaria traz a fé*, isto é, a prática traz a fé (p. 140). Leitura muito própria daqueles que vivem colado na realidade como os peregrinos devotos da Santa Cruz.

Fiquei contente que o autor teve a oportunidade de ler o trabalho de Marcelo João Soares de Oliveira, meu orientando no doutorado. Chaves citou a tese (p. 240). A tese já foi publicada com o título *São Francisco vive no Canindé. A peregrinação e seus enigmas* (OLIVEIRA, 2015).

Uma das afirmações importantes presentes no capítulo é a que se refere a dimensão educativa / paideica da Romaria (p.136).

Nesta perspectiva a romaria é vista como lugar de encontro. Os corpos são reconstruídos, a educação dos sentidos de ser romeiros é fortalecida e ampliada, as famílias são incluídas e treinadas a acreditar na devoção. A romaria possibilita a construção social e cultura de um corpo, um tipo de corpo (enquanto caminha transforma tudo, o tempo e o espaço). Construção de um corpo que simultaneamente é biológico, cultural e social.

O conjunto de suas práticas (do romeiro) negociadas ao longo de sua jornada até o centro de peregrinação, está assentado na construção implícita de um corpo que simultaneamente é “biológico, cultural e social”, que se cria e se recria, acumula e descarta, constrói e se desconstrói (p. 141).

Vida no interior e no entorno da Capela é o título do capítulo quarto, o qual discute os aspectos materiais e simbólicos que remetem as relações práticas do indivíduo e da coletividade no contexto religioso específico da festa (p. 164).

Construído/articulado em torno do binário prece/rito, visa aprofundar a dimensão religiosa da Festa. Aprofundar o *agir religioso* que se traduz na efetividade concreta das práticas históricas os tradicionais valores religiosos da comunidade, os quais se intensificam nos atos de devoção.

A menção ao altar merece ser ampliada, primeiro apresentando as imagens presentes nele e em seguida estabelecendo um link com o capítulo segundo, onde se trabalha exaustivamente a devoção aos santos.

Preservada em todo o território nacional a ladainha a Nossa Senhora ao ser rezada pelos romeiros revela a força e importância da oralidade no mundo popular. Além de manter a tradição, o latim aponta para a força/peso da palavra, tão importante no mundo popular, e reveste a oração de uma aura mistagógica.

Sancta Deus Genetrix
Santa Mãe de Deus
Sancta Virgo virginum
Santa virgem das virgens
Mater Christi
etc

Chaves ao discutir a análise que Pina Cabral faz da prece em Mauss, diz afirmar

o contrário da análise de Pina Cabral, e segue no sentido de que deve sempre partir daquilo que é descoberto na etnografia e não no léxico (p. 159) (grifo meu).

Posição a ser matizada, pois, absolutiza a etnografia, como ponto de partida e não o léxico. Sem negar o valor da etnografia, vale lembrar que: o conhecimento adquirido / descoberto pelo ser humano, os fatos históricos, as práticas culturais, ideológicas, religiosas entre outras, passam a priori pelo ato de nomeação para que venham a ser referenciadas nos diversos atos de fala, razão pela qual o léxico de uma língua abarca as experiências de uma sociedade.

Lembro, ainda, que o léxico tem como finalidade fisionomizar a cultura e acrescentar a ela aspectos particulares. O léxico, a cultura, a história são elementos que juntos conseguem resgatar uma época que sempre será lembrada pelas pessoas.

Com relação as orações dos peregrinos, concordo com a opção feita na tese de não realizar uma exegese literária (p. 165), mas não perderia a oportunidade de tecer breves comentários sobre o texto das mesmas. Tem-se aí, uma ótima oportunidade para relacionar as orações com a visão de mundo dos devotos (as), contrastar o conteúdo das orações com o clima festivo/lúdico da festa.

A bela afirmação de Ruben Cesar Fernandes: *A cruz é celebrada, mas a ressurreição, a vitória sobre a morte no presente perde-se vagamente no horizonte das representações* (p. 172) sintetiza a longa história da catequese católica no Brasil.

Ao tocar na questão da hierarquização, práticas verdadeiras / falsas, rezam pouco / muito. Relembro que a hierarquização é uma das características marcantes da cultura popular e também da religiosidade popular (p. 174).

Tendo presente os conflitos/ tensões entre a tradição e a modernidade, tendo presente o contexto atual. Lembrando Eduardo Coutinho! O leitor (as) pode perguntar: *A festa está marcada para morrer?* A leitura de *Entre a cruz e a viola*, uma vez mais mostra a resiliência da dimensão festiva.

Após constatar a manutenção da ladainha, cantada em *latim popular*, relembra sua *função mítica-musical* (p. 160). Uma das características desta função é dissolver o devoto que vive num mundo urbano-caótico, rigidamente marcado pela modernidade em um mundo mágico da religiosidade popular e por intermédio dessas rezas integrá-lo

a religiosidade que permite a ele novos sentidos de suas tradições e cosmologias.

Percebe-se, então a importância da prece na religiosidade popular (p. 161): ela narra a vida caipira por estar incorporada à própria vida, daí se poder dizer que rezar é uma prática social e não pode ser reduzida a um ato de enunciação (p. 167). A prece como mito é rica de ideias religiosas e imagens e como rito é cheia de forças e eficácia.

O último capítulo intitulado, *A Festa vai a cidade-Extensão das práticas da Religião Popular na Cidade* sinaliza que *o catolicismo popular local por meio dos festejos a São Gonçalo estabelece uma estratégia de superação de um possível estado de alienação* (p.211), mostrando que a festa a São Gonçalo é uma festa de Resistência.

Uma presença esquecida ao longo do texto se faz presente, as mulheres (p. 206; p. 222), um pouco tardiamente. São apresentadas como coadjuvantes, atuam nas margens da festa. Na verdade são protagonistas silenciosas, pois sem o apoio delas toda a celebração ficaria comprometida.

Chaves analisa as promessas dos devotos ao santo, numa perspectiva jurídica, numa perspectiva contratual do *do ut des*. Hoje, nos estudos das promessas ao santo, tem-se avançado, sem negar a relação contratual (*do ut des* - perspectiva jurídica) tem-se ido além, explorado o fato do devoto (a) sentir-se, acolhido/ amado pelo santo (a). Tem-se explorado a dimensão de afetividade, tanto que muitas vezes no cumprimento da promessa o devoto (a) vai além.

Aponto duas ideias marcantes do capítulo, que pedem uma maior explicitação, que aponte a riqueza das mesmas. A primeira, quando é afirmado que a festa de São Gonçalo é uma escola para a educação dos sentidos numa tradição católica popular, afirmação já presente na *Introdução* (p. 19); a segunda, quando se diz que a festa de São Gonçalo representa de modo eficaz a imaginário popular da região (p. 212).

Breves considerações finais

Entre os muitos méritos da tese aponto: a altíssima qualidade da etnografia apresentada. Fazer etnografia é um desafio e Chaves mostrou maturidade e competência ao realizá-la. Gradualmente, transporta seus leitores (as) para dentro da Festa de Santa Cruz dos Valos e São Gonçalo.

Traria benefícios aos futuros leitores (as) se oferecesse mais informações sobre

os métodos utilizados na pesquisa: técnicas de etnografia, história de vida e revisão de fontes bibliográficas já mencionados pelo autor no *Resumo e retomado em seguida Durante a pesquisa foram realizadas as coletas de dados, por meio de entrevistas, depoimentos e históricas de vida* (p. 21).

O leitor (a) se surpreende com o cuidado do autor ao fazer dos seus entrevistados *autênticos coautores*. Numa linguagem mais técnica: a epistemologia do pesquisador leva em conta a epistemologia dos pesquisados, no caso dos devotos. Desafio nada fácil no âmbito acadêmico, que muitas vezes é incapaz de estabelecer um autêntico diálogo com seus entrevistados (as).

Cabe, aqui, uma explicitação maior sobre o *falar* com seus interlocutores, deixou claro o ouvir, o olhar e o escrever, pois, não apenas falamos “do outro” ou “pelo outro”, mas falamos *com o outro*.

A riqueza de dados e informações impressiona o leitor, que é convidado a constelar estes dados para compor a imagem da festa, um autêntico fato total.

Outro tópico a ser mais explorado é o das tensões, ao longo da tese chama atenção, aqui e ali para a presença dela. Estes pequenos conflitos têm o seu significado e merecem ser mais explicitados, pois, apontam para compreensões diferentes da mesma festa.

Outro tópico da maior importância para uma visão não redutiva da festa, ter considerado a dimensão religiosa como um estatuto epistemológico, tanto importante quanto o antropológico e sociológico.

Curiosidade e deleite, duas sensações às quais os leitores (as) não escaparão ao se aventurarem na leitura de *Entre a cruz e a viola*.

Referências bibliográficas:

- CABRAL, J. de P. A Prece Revisitada: comemorando a obra inacabada de Marcel Mauss. *In: Religião e Sociedade*, vol.29, nº 2, Rio de Janeiro, 2009.
- CAMPOS, M. S. *Gracias a Dios que comí. El cristianismo en Iberoamérica y el Caribe. Siglos XV- XX*. México: Ediciones Dabar, 2010.
- CASTRO JÚNIOR, L. V. C.; GUSMÃO, M. S. Os corpos dançarinos e brincadeiras no terno da alvorada na Festa d’Ajuda. *In: CASTRO JÚNIOR, L. V. Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas*. Salvador: Edufba, 2014.

- CHAVES, A. da S. *Entre a cruz e a viola: uma etnografia de práticas devocionais nas Festas de Santa Cruz dos Valos e São Gonçalo 2019*.
- FRANCO JÚNIOR, H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo Companhia das Letras, 1998. [Prêmio Jabuti, em 1999]
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- OLIVEIRA, M. J. S. de. *São Francisco vive no Canindé. A peregrinação e seu enigmas*. Vila Velha: Opção Editora, 2015.
- RICOEUR, P. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- SOUZA, P. R. de. *A religião vai à mesa. Uma degustação de religiões com suas práticas alimentares*. São Paulo: Griot, 2015.